

**A MULHER E SUA RELAÇÃO (IN) ALTERÁVEL COM O CASAMENTO:
UM ESTUDO A PARTIR DOS APORTES TEÓRICOS DA ANÁLISE
MATERIALISTA DO DISCURSO**

Iraneide Santos Costa¹

RESUMO

Este trabalho delinea-se a partir do seguinte problema: quais as imagens atribuídas à mulher e ao casamento pelas discursivizações em torno destes? Está ancorado teórico e metodologicamente na Análise Materialista do Discurso, estando as nossas reflexões calcadas principalmente no que esta teoria estabelece como sentido, sujeito e formações imaginárias.. Partimos, para tanto, de alguns pressupostos, tais quais: a) é o sujeito lugar de significação historicamente constituído: nas práticas discursivas, tanto os sentidos produzidos constroem aquilo que o sujeito é ou o que se tornará; como se fixam lugares a partir dos quais ele se posiciona e estrutura sua experiência. (PÊCHEUX, 1995); b) a verdade se constitui a depender do ponto de vista que a constrói: o que funciona no discurso são as imagens que se fazem dos sujeitos e dos seus lugares, já que se trabalha no campo do imaginário (PÊCHEUX, 1995); c) a ideologia é a matriz do sentido e, embora a realidade exista fora da linguagem, é constantemente mediada por ela e através dela. (PÊCHEUX, 1995). Quanto ao *corpus*, optou-se por analisar textos midiáticos, tendo em vista que é a mídia uma prática discursiva identitária, constituindo-se, assim, esse universo em uma vasta riqueza analítica. Em nossas análises das materialidades selecionadas, é possível rastrear um percurso temático de reformulação parafrástica no que se refere ao casamento, (re)afirmando-se e se recuperando-se estereótipos tradicionais de gênero.

Palavras-Chave: Sujeito. Memória. Formações Imaginárias. Mulher. Casamento.

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se com este artigo discutir as imagens atualmente imputadas à mulher e ao casamento pelas discursivizações que gravitam em torno destes. Para tanto, busca-se desvelar sentidos que se instauram através de múltiplas vozes que legitimam os dizeres justamente por se inscreverem numa dada formação discursiva e não em outra, reconhecendo que as palavras apenas adquirem sentido quando determinadas pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que são produzidas

¹ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2007) e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1998). Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia.
iraneidesc@uol.com.br

Sendo assim, pretende-se aqui investigar a historicidade das representações tanto da mulher como do casamento para que se possa, então, se apropriar de sua discursividade. Para tanto, explicitam-se as especificidades da prática discursiva e seus efeitos de sentidos a partir do entrecruzamento língua/ sociedade/ história/ memória; avalia-se como os signos (verbais e não verbais) marcam, explícita ou implicitamente, uma posição ideológica; desvelam-se as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais estabelecidas no casamento e que funcionam nos discursos materializados nos textos em análise; examina-se como a relação interdiscurso/intradiscurso determina o dizer.

A partir daí, levantam-se algumas indagações: quais as imagens atribuídas à mulher e ao casamento? Até que ponto se (re)atualizam estereótipos tradicionais de gênero? Qual o papel da história e da memória discursiva neste processo? Quais as formas e práticas discursivas, referentes principalmente ao casamento, através das quais a mulher se constitui como sujeito?

As análises a que se procede estão ancoradas teórico e metodologicamente na Análise Materialista do Discurso, sendo tomados como ponto de partida alguns pressupostos, tais quais:

a) é o sujeito lugar de significação historicamente constituído: nas práticas discursivas, tanto os sentidos produzidos constroem aquilo que o sujeito é ou o que se tornará; como se fixam lugares a partir dos quais ele se posiciona e estrutura sua experiência. (PÊCHEUX, 1995);

b) a verdade se constitui a depender do ponto de vista que a constrói: o que funciona no discurso são as imagens que se fazem dos sujeitos e dos seus lugares, já que se trabalha no campo do imaginário (PÊCHEUX, 1995);

c) a ideologia é a matriz do sentido e, embora a realidade exista fora da linguagem, é constantemente mediada por ela e através dela. (PÊCHEUX, 1995).

Quanto ao *corpus*, optou-se por trabalhar com textos midiáticos por serem os meios de comunicação de massa dispositivos que produzem representações sociais da realidade e a mídia uma prática discursiva identitária, constituindo-se, assim, esse universo em uma vasta riqueza analítica. Além do mais, apesar de não ser a mídia a única e principal responsável

pelo imaginário, é inegável que ela o aguça, uma vez que tende não a ir de encontro a esse, a refutá-lo; mas sim a reforçá-lo. Ou seja, em geral, não se constitui a mídia em um espaço em que se promove a reflexão sobre os processos de significação sociais, limitando-se a reproduzi-los.

2 O SUJEITO MULHER

A complexa relação de poder entre homens e mulheres engendrou, durante longos períodos na história, ordens, hierarquias em que a mulher foi considerada um “ser frágil”, logo inferior; enquanto o homem, pela própria constituição física (legitimado por discursos como, por exemplo, o discurso médico) e em decorrência da forma como foi “criado”, nomeou-se “ser superior”, estabelecendo-se assim múltiplas diferenças entre os sexos em cada época: criaram-se jargões do tipo “sexo forte” e “sexo frágil”.

No século XX, porém, no bojo de alguns acontecimentos históricos - movimentos de contracultura, as reivindicações feministas e o surgimento da pílula anticoncepcional -, engendraram-se novas discursivizações em torno das questões de gênero e do casamento. Levando-se em conta o que preconiza Pêcheux, instaura-se o que ele designou de acontecimento discursivo (1990), que viria a “perturbar a memória”, propiciando novos dizeres, novos sentidos.

...a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática, e prolonga-se, conjecturando o termo seguinte, em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa regularização e produzir retrospectivamente uma outra série que não estava, enquanto tal, e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, 1990, p.52).

Antes de prosseguirmos com as nossas reflexões, faz-se necessário ainda que se discuta um conceito bastante caro à Análise Materialista do Discurso: o de sujeito. Para esta linha teórica, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166) do seu discurso. Sendo assim, o sujeito a que nos referimos não é empírico (este é o indivíduo), mas sim ideológico, discursivo (se materializa/constitui na linguagem), além de não ser dono do seu dizer: se instaura “o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico,

de modo tal que cada um seja conduzido sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar (PÊCHEUX ; FUCHS, 1993, p. 165 e 166). Quanto à interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso, efetiva-se a partir do momento em que ocorre a identificação do sujeito com dados discursivos (de dada formação discursiva)

Para Althusser - uma das principais fontes na qual o Pêcheux bebeu na construção de sua teoria do discurso -, no processo de interpelação ideológica, engendram-se duas evidências: a do sujeito e a do sentido:

Segue-se que, tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma "evidência" primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra "designa uma coisa" ou "possua um significado" (portanto inclusive as evidências da "transparência" da linguagem), a evidência de que você e eu somos sujeitos - e até aí não há problema - é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, 1985, p. 94)

Além do mais, uma vez que a Análise do Discurso com que trabalhamos adota perspectiva materialista, embasa-se no postulado de que uma ideologia existe sempre [...] em sua prática ou práticas" e "esta existência é material" “ (ALTHUSSER, 1985, p. 73). Sendo assim,

[...] é impossível identificar ideologia e discurso (o que seria uma concepção idealista da ideologia) [...] se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica [...] Dito de outro modo [...] as formações ideológicas [...] comportam necessariamente [...] uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura. (PÊCHEUX ; FUCHS, 1993, p. 166-167)

Passemos à análise do texto I:



(MAITENA, 2005, p. 62)

A sujeição não está presente apenas nas ideias, mas existe em conjunto de práticas (entre estas, papel da mulher no casamento), de rituais. Na verdade, as informações que chegam até os sujeitos, que os interpelam e ensinam-lhes como devem ser e se relacionar com o mundo (informações que se pretendem verdadeiras e universais, por fazerem parte de um senso comum), constituem um histórico linguageiro que afeta os sujeitos e a sua relação com o outro e com o mundo (com o casamento, por exemplo).

Pode-se rastrear na materialidade em análise a constituição de dois sujeitos distintos em relação aqui precipuamente à mulher e ao casamento, posto que se engendram para estes distintos sistemas de representações, de normas, de regras e preceitos, que regulam comportamentos:

- a) um sujeito que se identifica com uma Formação Discursiva dominante e hegemônica que circula e retorna convenientemente modificada acerca do papel da mulher no casamento.. No saber desta Formação Discursiva, a mulher só se sente

realizada quando tem a seu lado um homem que a sustente; ser independente não a faz feliz. Recupera-se e reafirma-se o estereótipo de que mulheres bem sucedidas são infelizes.. Ou seja, priorizar vida profissional é visto como ‘coisa de homem’. Além do mais, toma-se como verdade que o natural é que mulheres sejam sustentadas por homens; se isto não ocorre, instaura-se a insatisfação. Isso vai ao encontro do que afirma Foucault (1984,p.180): “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.”

b) Um sujeito que se identifica com uma formação discursiva embasada em um saber de acordo com o qual a mulher pode/deve buscar realização profissional e independência econômica; bem como que à própria mulher cabe a responsabilidade pelo seu sustento, não ao homem.

Partimos aqui do pressuposto de que, ao se falar em gênero, está-se falando do que a sociedade entende por ser homem e ser mulher, uma vez que o que é tomado como subjetividade é fabricado, moldado e imposto. Práticas – no caso específico aqui, mulher ver o casamento como meio de vida – que permeiam as relações entre homem e mulher , além de serem fatores determinantes de suas identidades, são reflexos das expectativas criadas em relação a estes, frutos das representações. Constata-se que o cartum engendra-se a partir de percepções (imagens) que se têm do papel da mulher tanto no casamento como em relação ao seu próprio sustento. Na verdade, . “as diversas formações [imaginárias] resultam elas mesmas de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção)”. Ou seja, “a percepção é sempre acompanhada pelo já ouvido e o já dito, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas. (PÊCHEUX, 1993, p. 85/86).

3 O CASAMENTO

Para a Análise Materialista do Discurso, o que se constitui em foco de interesse vem a ser exatamente a exterioridade constitutiva do discurso, isto é, a representação do que vem a ser casamento no imaginário, que é histórico e social. Para Pêcheux (1993), os momentos de interpretação – como o casamento é significado pelo sujeito mulher - são atos que surgem como tomadas de posição, efeitos de identificação com dadas Formações Discursivas. Sendo

assim, a referência se institui no próprio gesto de interpretação, vindo o referente - casamento - a ser um objeto imaginário, não realidade física, instituído pelas formações imaginárias. Ou seja, a verdade é relativa e se constrói em virtude do ponto de vista que a sustenta, das crenças; enfim, da ideologia.

o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias [...] Convém agora acrescentar que o “referente” [...] pertence igualmente às condições de produção. Sublinhemos mais uma vez que se trata de um *objeto imaginário* (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física (PÊCHEUX, 1993, 82-83).

Passemos ao texto II:



(MAITENA, 2005, p. 63)

Observa-se que, no saber que configura a Formação Discursiva que está determinando o dizer deste cartum, o casamento é revestido de toda uma conotação negativa, vindo o convívio com o marido a ser visto como um sacrifício pela mulher. Este dizer, por ser inscrito em determinado tempo (2005/cartum) e lugar, resgata visões de mundo (no caso, como é

percebido o casamento), capazes de defini-lo – o dizer - como marca identitária de dado grupo (o que é o casamento para a mulher), como reflexo de comportamentos, valores, etc. Isto fica implícito quando a personagem afirma que o pior de tudo é ficar só com o marido.

É importante ressaltar ainda que há uma relação entre o já dito e o que se está dizendo em relação ao casamento, que é a que existe entre interdiscurso (onde se teriam todos os dizeres já ditos e esquecidos, que, em seu conjunto, representam o dizível sobre casamento, tais qual “Se casamento fosse bom, não precisava de testemunha” .) e o intradiscurso (aquilo que se está dizendo na materialidade: ficar só com o marido é algo ruim, algo difícil para a mulher).

o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido.(PÊCHEUX, 1993, p.77).

Ou seja, o verbal e o não verbal da materialidade em análise se ligam a uma memória do dizer, a um saber discursivo, o qual Pêcheux (1993) denominou interdiscurso. A memória determina o que são certos conceitos (casamento, relação com o marido) , tornando possível o dizer (o que é possível se dizer do casamento, por exemplo). Desta forma, todo sujeito já traz consigo uma história, que o constituiu e que se reflete no discurso.

4 O CASAMENTO E O SUJEITO MULHER

É a ideologia a matriz do sentido e, embora a realidade exista fora da linguagem, é constantemente mediada por ela e através dela. (PÊCHEUX, 1995). Tratam-se, portanto, os estereótipos de uma explicação social que vem a justificar ações e categorizações em relação a determinado grupo (quem é este sujeito mulher, como pensa e se comporta, por exemplo, em relação ao casamento). Busca-se, através deles, explicar o mundo para torná-lo previsível e controlável. Nas formulações presentes nos textos III e IV, rastreia-se um percurso temático de reformulação parafrástica no que se refere ao casamento, às relações amorosas entre homem e mulher, reafirmando-se e recuperando-se estereótipos tradicionais de gênero. Reproduzem-se e perpetuam-se dados papéis para mulheres no/ em relação ao casamento,

justificando-se as ações daquelas com base em sistema de ideias que se pretende universal e é visto como único.

TEXTO III



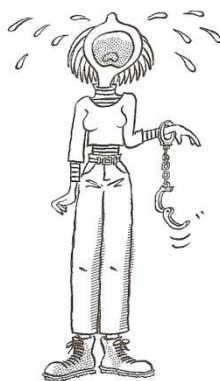
(MAITENA, 2005, p. 81)

Encontram-se marcas dos contos de fadas na materialidade em questão: o dizer do cartum faz sentido através da relação intrínseca entre o já-dito (estória de contos de fadas) e o que está sendo dito na materialidade verbal e não verbal. Aquele é retomado através do próprio enredo: o sapo, ao ser beijado, se transforma em príncipe. Segundo Gregolin (1995), a intertextualidade vem exatamente a munir o leitor de coordenadas históricas e sociais para a interpretação. Sendo assim, o sentido é construído num movimento de produção e reconhecimento. Assinala-se, contudo, a presença de outras vozes inscritas em sua superficialidade (‘...mas precisa de alguma segurança...’; ‘É solteiro’). O texto primeiro não é, portanto, recuperado com o único objetivo de reproduzir os sentidos nele instaurados, mas sim visa-se à instauração de novos sentidos, que é o que vem a dar o toque humorístico ao cartum. Retira-se o lado romântico (no conto, a mulher beija o sapo pensando no bem dele, por amor, não ligando para a sua aparência física) e reforça-se a ideia de que a mulher é

capaz de fazer ‘tudo’ para arranjar (‘fisgar’) um marido, que ainda representa garantia de estabilidade.

TEXTO IV:

UM COSTUME
INALTERÁVEL,
O CASAMENTO



(MAITENA, 2003, p. 33)

Ao analisar as materialidades verbais e não verbais acima, alguns pontos chamam atenção:

- a) No saber que configura a Formação Discursiva que está determinando o dizer deste cartum, casamento é prisão (esta última aqui simbolizada por um par de algemas), bem como que seria a mulher quem estaria prendendo o homem, uma vez que este fugiu (a outra alga foi aberta);
- b) Pode-se ainda rastrear aí uma posição de sujeito configurado no saber de que, sem o casamento, a mulher se sente perdida, desesperada (materialidade não verbal: forma como personagem é retratada indica isto).

- c) Termina-se por se circunscrever uma zona do não dizível em relação à mulher, ao casamento, definindo-se o conjunto de enunciados que devem ficar ausentes do espaço discursivo, tais quais: pode haver um bom casamento, de que o homem não sinta necessidade de fugir; que o casamento também é importante para os homens (a figura representada como inconsolável é a mulher); que a mulher também pode ver o casamento como prisão. Há, pois, todo um já dito em relação ao casamento (casamento é algo desejado pelas mulheres, representa prisão para o homem - A própria ausência do homem da ilustração remete ao fato de ele já estar longe -; os homens só casam porque as mulheres o pressionam) que permite este dizer aí materializado no não verbal.
- d) Ao se dizer “um costume inalterável, o casamento”, silencia-se quanto à possibilidade de a mulher não querer casar (inalterável: não passível de mudança). A presença do prefixo “in” presente aí na formulação (intradiscurso) indica a impossibilidade de a mulher ter mudado de atitude em relação ao casamento, já que ele – operador -indica exclusão. Reatualiza-se então toda uma memória acerca da importância do casamento para a mulher (interdiscurso). Ou seja, mudam os tempos mas a postura da mulher em relação ao casamento continua a mesma. Há, pois, silêncio no que é dito. Ratifica-se que vêm a ser os dizeres efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas, que se presentificam no modo como se diz. Quanto ao silêncio, estabelece uma margem discursiva - aquilo que não é/pode ser ouvido em relação ao que é casamento para os homens/para as mulheres - , que são constitutivas do próprio dizer. Ou seja, os efeitos de sentidos advêm não só do que é dito, mas também do que não é dito, do que poderia ser dito e não foi.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que os sujeitos vão construindo suas identidades em relações sociais atravessadas por diferentes práticas, como o casamento.. Reatualizam-se, pois, imagens do que é ser mulher e de como deve agir. Fica bem claro que determinadas práticas que permeiam as relações da mulher com o/ no casamento (é essencial para ela, porém não algo fácil e prazeroso; é meio de sustento) além de serem fatores determinantes de suas

identidades, são reflexos das expectativas criadas em relação a esta, frutos das representações, das imagens que se instauram.. É interessante ressaltar que vêm à baila “verdades” estabelecidas, tais quais casamento é prisão para homem; mulheres é que querem casar.

Materializam-se, no *corpus* estudado, discursividades que reafirmam a assimetria valorativa entre gêneros fundada na diferença sexual e cultural e simbolicamente reelaborada. Constata-se que se dá a construção da mulher e do homem como grupos homogêneos cujos membros compartilham os mesmos desejos, medos, angústias, apagando-se as diferenças. A identidade de gênero é vista como se fizesse parte de processo de subjetivação interno próprio da biologia feminina: o universo feminino é concebido de forma universalizante indo ao encontro das verdades estabelecidas no senso comum.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. [1978] **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GREGOLIN, M. R. A análise do discurso: conceitos e aplicações. IN: **Alfa**. Araraquara-SP:UNESP, n. 39, p. 13-21, 1995.

MAITENA. **Mulheres Alteradas 1**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2003

MAITENA. **Mulheres Superadas 1**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2005

PÊCHEUX & FUCHS. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). IN GADET & HAK (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 1990.